ANO I — N.º 21 — 9 DE OUTUBRO DE 1941 — PREÇO: 1 ESC.

Vida MUNDIAL Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

NÃO SABE A IDADE... — eis a legenda que deu a êste retrato duma simpática velhinha portuguesa o autor da fotografia, o distinto artista prof. Campos Coelho.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
MARIA ARCHER
DR. CARLOS OLAVO
LUIZ PALMEIRIM

Uma tarde em casa de Junqueiro

Uma entrevista inédita por Luiz de Oliveira Guimarães

MORREU ontem Guerra Junqueiro. Estou já a vê-lo, a estas horas, leve, diáfano, espiritual, entrar na Imortalidade, rodeado de filósofos, de poetas, de oradores, de espectros gloriosos que o saúdam e o aclamam como a uma espécie de semi-Deus acabado de chegar com as suas barbas hieráticas e a sua coroa de loiros. Portugal tem desde hoje um novo embaixador no Olimpo. Na verdade, o extraordinário poeta não foi apenas um príncipe das letras: em dados momentos, nos seus versos, ao mesmo tempo hinos e clarões, flautas pastoris e trombetas de guerra, vibrou a própria alma da Pátria.

Para evocar, sob muitos aspectos, a figura de Junqueiro seria necessário outro Junqueiro. Mas se assim é — e no meu caso especial com quanta evidência o reconheço! — ao desfolhar sôbre a sua memória venerável o meu obscuro ramo de violetas, não me privarei de evocar, saüdosamente, certa tarde, no Pôrto, em que o poeta me recebeu, abrindo-me, não apenas as portas da sua casa, mas os seus braços de amigo.

Por essa altura, já Junqueiro saía pouco. Uma vez ou outra, de manhã, nas manhãs claras e frescas do Pôrto, descia com vagar Santa Catarina, a mão esquerda metida nas bandas do casaco, a outra manejando, como um ceptro, um pobre guarda-chuva preto, e a isto se resumiam então as suas caminhadas — êle que noutros tempos andava léguas! Sentia-se neurasténico; alimentava-se só a golos de leite e a palitos «La Reine»; dormia mal, e, não obstante os médicos recomendarem-lhe que não lesse, que não escrevesse, que não fumasse e — Santo Deus! — que não pensasse, a preocupação de que morria inédito obrigava-o a estar, horas e horas, agarrado ao trabalho, compondo a «Unidade do Ser» que seria — afirmava êle — a sua revelação. Não queria ouvir falar nem no seu nome, nem na sua obra. A não ser um ou outro amigo mais íntimo, não recebia ninguém. Por isso mesmo ficará para mim inesquecível a afectuosa generosidade com que o poeta me recebeu, e guardo ainda a emoção que senti diante dêsse homem, autêntico génio oficial da raça, ao aproximar-me dêle, nessa tarde, pela primeira vez. Junqueiro espiritualiza-se por completo. As suas próprias barbas davam-lhe uma expressão profética. A Marat sucedera abertamente São Francisco de Assis. Falámos, ou melhor, Junqueiro falou imenso. De começo a sua voz lembrou-me um murmúrio doce; pouco a pouco êsse murmúrio foi subindo, crescendo, tomando volume, como animado da mais imprevista eloqüência; os seus olhos redondos, vivíssimos, ganharam um novo esplendor; as suas mãos esguias agitavam-se como asas; e eu tive a impressão de que em volta da sua cabeça divina palpitava uma sobrenatural auréola de oiro.

— O que eu sempre pedi à Vida — disse-me êle — casa com um berço, terra com água, verdura com pássaros, tudo a Vida generosamente me ofereceu. E que lhe dei em troca? Alguns milhares de cepas. O resto não vale um cigarro. Literàriamente, escrevi sete ou oito volumes — versos — e estou inédito; politicamente, plantei uma roseira — que deu cardos. Hoje estou convencido de que o melhor livro é o da Natureza e de que o melhor regime — é o da nossa Ilusão. Pretendi ser Herói e Santo. Caí de joelhos abraçado a uma espada. Ao erguer-me sôbre os meus ombros pesava uma cruz. Cada um de nós cria o seu próprio calvário. Eu criei o meu. E na minha ascenção dolorosa quantas vezes — porque não confessá-lo? — fechei injustamente os olhos ao sol que ri, à ceara que canta, ao vinho que alegra. Estas barbas de peregrino constituem a minha penitência. Mas basta de filosofia. A filosofia e a religião são como o sal: nem de mais, nem de menos... Gosta de coisas antigas? Tenho por aí uma coisitas que talvez possuam algum interêsse. Quere vê-los?

Êle próprio me serviu de «ciceroni». É bem certo que as casas reflectem, com freqüência, o espírito de quem nelas vive. A casa de Junqueiro era o seu retrato íntimo. Tôdas as requintadas predilecções do artista se adivinhavam, desde logo, nos quadros, nas esculturas, nos retábulos, nas faianças, no mobiliário, nas preciosidades que a guarneciam. De repente, como eu me tivesse debruçado sôbre uma nobre cadeira de espaldar armoriado, Junqueiro explicou-me, sorrindo:

— Eu não tenho intelectualmente a paixão do «bric-à-brac». Dos quadros, sim. Às vezes ponho-me a olhar as telas, encantado, absorto, e pelo poder maravilhoso dos sonhos, acontece-me ver as figuras movendo-se, agitando-se, humanizando-se, descendo até mim para conversar comigo... Seria desprimoroso oferecer, por exempo, a uma figura do «Greco» ou de Van Eyk uma cadeira de palhinha, não acha?

E logo abrindo uma porta:

— A minha cela. É aqui que eu escrevo sôbre esta mesa de pinho. Noutros tempos os meus versos eram feitos, ao ar livre, caminhando. Tinha umas pernas de almocreve. Hoje já não faço versos: desfaço-os. A prosa faz-se sentado...

Sôbre a mesa pousavam alguns retratos célebres: Tolstoï, Pasteur, Renan, Vítor Hugo. Preguntei-lhes se eram estes os homens que mais admirava.

— Faltam aí outros. São Francisco de Assis, Beethoven, Spinosa... Que homens! É consolador registar que a Humanidade afinal nunca faliu por completo, pois não é verdade?

Um fio de sol, coado através das cortinas, vinha tocar o poeta. A tarde descaía, numa névoa tranqüila. Junqueiro falava sempre. Inùtilmente sua espôsa, trave e luz do seu lar, lhe recomendava, de quando em quando, que não se fatigasse, falando tanto. Êle ria-se. E a certa altura, nós dois sòzinhos, confidenciou-me:

— É uma santa. Não quere que eu morra. Não há maneira de a convencer que, em morrendo, vou para o céu... É o único pecado que lhe conheço.

GUERRA JUNQUEIRO
(Desenho de Leal da Câmara, feito expressamente para «Vida Mundial Ilustrada»)

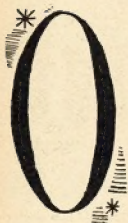
(Do livro DIZE TU, DIREI EU, a saír brevemente em edição da «Vida Mundial»).

A CAMINHO DE BERLIM

UM BOMBARDEIRO GIGANTE «STIRLING», quadrimotor, atravessa os territórios ocupados pela Alemanha, a caminho de Berlim, onde vai lançar a sua poderosa carga de bombas. São os aviões dêste tipo, e os «Halifaxes», os «Manchesters», os «Hampdens» e os «Boeing» que, há meses, realizam, dia e noite, sôbre o espaço dominado pelas fôrças do Reich a grande ofensiva aérea inglêsa.

o caso da semana

Da Checo-Eslováquia ao Protectorado da Boémia e Morávia

por Carlos Ferrão

O drama da Checo-Eslováquia de ontem, da Boémia e da Morávia dos nossos dias, reside na sua posição geográfica. O quadrilátero boémio é, pela simples razão da sua existência, um obstáculo natural à expansão do germanismo no sudeste europeu. A circunstância dessa zona geográfica característica ser habitada por uma população voluntariosa é a segunda razão que explica a luta tradicional dos checos contra os seus vizinhos: durante muito tempo os habitantes do império austro-húngaro, mais recentemente os do Reich nacional-socialista.

«Quem possuir o quadrilátero da Boémia tem nas mãos os destinos da Europa continental.» Eis um axioma de política externa, válido no tempo de Frederico como no tempo de Bismark. Êle, só por si, explica muitos dos acontecimento a que o mundo tem assistido. Êsses acontecimentos não têm o mérito da novidade. O que agora se está passando repetiu-se muitas vezes na história. Mas esta anda um pouco esquecida pela memória dos homens.

O que é a história da Boémia? A luta permanente dos seus filhos para recuperarem a independência depois de a haverem perdido. Ottokar II caiu antes de Rodolfo de Habsburgo! João Huss foi sacrificado pelo imperador Segismundo; a Jorge Todielrad seguiram-se os Habsburgos e a batalha da Montanha Branca; a continuação de Masaryk chama-se o pacto de Munich e a incorporação da nação checa no território do Terceiro Reich.

O século XIX foi uma testemunha compreensiva desta luta. O século XX assiste à sua renovação. A geografia formula um postulado que a história contraria. Olhando o mapa da Europa central é fácil reconhecer que a posse do quadrilátero boémio é uma condição indispensável da estabilização, primeiro, e depois da expansão do germanismo. Da leitura da história, nos cinco séculos que se seguiram à batalha da Montanha Branca, resulta que foram baldados os esforços com que os guerreiros e os políticos procuraram resolver o problema checo.

DE VERSAILLES A MUNICH

O tratado de Versailles ressuscitou a Checo-Eslováquia. Essa ressurreição foi, sobretudo, o produto do trabalho de dois homens: Masaryk e Benès. Ambos eram professores. Compreende-se que a república checo-eslava, ressuscitada pelos negociadores de 1918, fôsse um Estado em que a formação moral e a preparação pedagógica das novas gerações ocupava um lugar predominante no quadro da actividade nacional.

Durante vinte anos (1918-1938), a Checo-Eslováquia procurou uma estabilidade que era função de duas constantes: o equilíbrio da sua vida interna e a realização integral dos princípios de segurança colectiva e de colaboração internacional. A primeira era contrariada pela diversidade de raças e de línguas no interior do país; a segunda malogrou-se quando a Sociedade das Nações deixou de exercer a função para que fôra criada. Os dois fenómenos coincidiram. A crise interna e a pressão exterior foram simultâneas. Numa Europa desorganizada, o destino da Checo-Eslováquia estava decidido.

A existência de minorias étnicas criou uma série de problemas que só podiam ter solução numa atmosfera internacional de confiança. A falta dessa atmosfera agravou, a ponto de os tornar insolúveis, os problemas étnicos inseparáveis da existência daquela zona da Europa. Uma agitação endémica, a que não era estranha a penetração de agentes vindos de fora, perturbou e tornou, finalmente, inviável o princípio da colaboração activa entre os checos, os eslovacos e as minorias incorporadas no quadro nacional.

Foi pela acção tenaz duma dessas minorias, a minoria dos sudetas, de origem alemã, coincidindo com a influência crescente do Reich na vida do continente europeu, que a unidade checo-eslovaca saltou. A três anos de distância, êsse episódio aparece claramente enquadrado na perspectiva geral dos acontecimentos que transformaram a fisionomia da Europa: Ocupação da Renânia, Anschluss, sudetas, criação do protectorado da Boémia e Morávia, Dantzig, conflito com a Polónia, guerra europeia.

SETEMBRO DE 1938 — MARÇO DE 1939

9 de Setembro de 1938, 15 de Março de 1939. São estas as datas que marcam a fase final da vida da Checo-Eslováquia como nação independente. A primeira é assinalada pela assinatura do acôrdo de Munich, a segunda pela entrada das tropas alemãs em Praga.

Em Munich, um acôrdo concluído entre as grandes potências europeias (Reich, Itália, Grã-Bretanha, França) resolveu que a região litigiosa dos sudetas, com tôda a sua população, fôsse incorporada no território alemão. Depois de vários episódios de que ia resultando a guerra, o govêrno checo e o presidente da República, Eduardo Benès, deram o seu assentimento à solução encontrada. A Checo-Eslováquia que, durante vinte anos, girara na órbita diplomática e económica das nações ocidentais (França e Inglaterra) passou a viver na dependência da Alemanha. A esta transformação radical da política externa, corresponderam modificações profundas na vida interna da nação. O presidente Benès resignou as suas funções e partiu para o

BENÈS

exílio, sendo substituído por um alto funcionário dos quadros da magistratura checa, o dr. Emílio Nacha.

Pelo acôrdo de Munich, as potências signatárias comprometiam-se a garantir as novas fronteiras da Checo-Eslováquia, desde que fôssem regulados os problemas de minorias pendentes com a Hungria e com a Polónia. O primeiro foi regulado pela arbitragem de Viena, o segundo por um entendimento directo entre os países interessados.

Durante o inverno que se seguiu (1938-1939), os povos procuraram, em vão, salvaguardar a paz. Os alemães da Boémia, organizados em formações militarizadas, e os eslovacos, tendo à sua frente Monsenhor Tiso, Tuka, Durkanski e Murgas, facilitaram o caminho que conduziu à dissolução final do Estado checo-eslovaco. Em Março de 1939, a Dieta eslovaca, reünida em Bratislava, resolveu que a Eslováquia se separasse da Boémia, passando a constituir um Estado independente que se colocou sob a protecção do Reich. Na noite de 14 dêsse mês, o presidente Nacha e o ministro dos estrangeiros checo, Chvalkiski, convocados para a chancelaria de Berlim, assinaram o documento que colocava também os destinos do seu país sob a protecção do Reich.

A CRIAÇÃO DO PROTECTORADO

No dia 15, os exércitos alemães penetraram em território checo e ocuparam a capital. O chanceler Hitler deu a conhecer no Ibradochin (antigo castelo dos reis da Boémia) as condições em que ia exercer-se a administração da Checo-Eslováquia. O seu território seria um protectorado do Reich. Colaborando com o protector, haveria um govêrno, responsável perante êle e perante o chefe do Estado, que continuaria em funções, constituído por indivíduos de nacionalidade checa. A fôrça armada, a actividade diplomática e a economia do país passariam a ser directamente exercidas pelo govêrno de Berlim. O protectorado gozaria de uma autonomia intelectual e administrativa.

Em conseqüência desta transformação, o material de guerra existente na Checo-Eslováquia passou para o serviço das fôrças armadas do Reich. Era constituído por 1.500 aviões, 2.600 canhões, 400 carros de combate, 40.000 metralhadoras, um milhão de espingardas. As fábricas que trabalhavam para o exército checo e satisfaziam encomendas do estrangeiro (fábricas Skoda) passaram a trabalhar para o exército do Reich. A representação diplomática da Checo-Eslováquia foi suprimida. O ouro do Banco Nacional (quinze milhões de libras), o ouro depositado no Banco Internacional de Pagamentos (dez milhões de libras) e as divisas estrangeiras depositadas naquela data em Praga, passaram para a posse do govêrno de Berlim. Os «stocks» de mercadorias, de matérias primas e de víveres ficaram sob a direcção dos funcionários do Ministério da Economia do Reich. O curso de «reichsmark» foi fixado em dez coroas checas.

O primeiro protector foi o barão von Neurarth, diplomata de carreira que representara o seu país em várias capitais, especialmente em Londres, e sobraçara, durante anos, a pasta dos negócios estrangeiros. Com esta nomeação, o Reich significava que, dentro da rigidez do condicionalismo criado, se empenharia numa colaboração por meio desta personalidade conhecida pela sua moderação e pelos seus métodos de trabalho.

O GOVÊRNO DE LONDRES

A guerra transformou as condições em que os dirigentes alemães procuraram realizar o princípio da colaboração com a população do Protectorado. Quando se iniciaram as hostilidades, o antigo presidente Eduardo Benès encontrava-se exilado nos Estados Unidos da América do Norte. Regressou, pouco depois, a Londres onde, graças às suas relações pessoais, começou a desenvolver uma actividade excepcional. O seu primeiro cuidado consistiu em identificar a causa da independência da Checo-Eslováquia com a causa das nações ocidentais.

Inicialmente, constituiu-se, sob a sua presidência, na capital britânica, um «comité» para tratar dos assuntos checos. Mais tarde a Grã-Bretanha reconheceu Benès como presidente da República checo-eslovaca e o «comité» que êste orientava tranformou-se em govêrno também reconhecido oficialmente. O govêrno checo com sede em Londres tem a representação de elementos de todos os partidos da antiga Checo-Eslováquia. É presidido por um categorizado chefe católico, Sramek, a pasta da guerra está confiada ao general Ingr e a dos negócios estrangeiros ao antigo embaixador Jan Masaryk, filho do primeiro presidente da República checa ressuscitada pelo Tratado de Versailles.

Nas cerimónias oficiais realizadas em Londres, Benès apareceu sempre em condições de igualdade com os soberanos exilados que ali se encontram actualmente (o rei Haakon, da Noruega, a rainha Guilhermina da Holanda, o rei Pedro da Jugo-Eslávia, o rei Jorge II da Grécia) e com o presidente da Polónia. Os Estados Unidos não reconheceram a criação do protectorado da Boémia e da Morávia e o representante da Checo-Eslováquia continua acreditado em Washington. A U. R. S. S., durante o período em que vigorou o pacto de amizade germano-russo aceitou a perda da independência da Checo-Eslováquia como um facto consumado; voltou, depois de iniciadas as hostilidades com o Reich, em Junho do corrente ano, a reconhecer a representação checa em Moscovo. Recentemente foi concluída uma convenção militar para a criação duma legião checa, semelhante à que existiu durante a grande guerra e destinada a representar a Checo-Eslováquia nos campos de batalha.

Um homem de quem voltou a falar-se o marechal Goering

DEPOIS DE PRINCIPIADA A CAMPANHA DA RÚSSIA, O NOME DE GOERING, o grande aviador e marechal do Ar, deixou de figurar nas citações dos comunicados oficiais de Berlim. Correram então na Europa os mais desencontrados rumores sôbre a sua situação. Ultimamente, porém, volta a falar-se de Goering, e a sua presença é citada em reüniões de distribuïção de prémios a oficiais da aviação que mais se distinguiram.

O MARECHAL GOERING na frente de batalha, com o general Udet, o major Christ, o general Jeschonnek, o major dr. Gritzbach, o general Conrad e o coronel Schmidt.

GOERING, com o Estado Maior da aviação alemã, estudo sôbre um mapa o plano dum próximo «raid» sôbre território inimigo.

Retratos AUTOGRAFADOS
O album dum grande colecionador americano

ESTA É A FOTOGRAFIA que o Chanceler alemão prefere. Hitler endereçou-a há anos ao rev. Greenway com o seu nome, escrito em letra pequena e nervosa. Veste o uniforme do partido «nazi» e ostenta apenas a Cruz de Ferro — a mais alta condecoração militar.

MORREU HÁ TEMPOS, EM BROOKLYN (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE), um bom sacerdote — o rev. Cornelius Greenway — que empregara grande parte da sua vida na tarefa de coleccionador. Era, porém, um coleccionador pouco vulgar: a sua colecção era de fotografias autografadas e continha as figuras mais célebres da política, das artes e das letras de todo o Mundo. Juntou assim, num álbum valioso e curiosíssimo, 3.800 fotos que, depois da sua morte, foram divulgadas e algumas das quais publicamos nestas páginas. Têm estas fotografias o interêsse de revelar as preferências dos retratados por esta ou aquela posição e atitude, os seus autógrafos e até as suas figuras, pois algumas delas pertencem já a um passado distante. E quantos dos homens que contribuíram para enriquecer o álbum do rev. Greenway ignoravam o papel importante que, anos mais tarde, poderiam vir a desempenhar na vida dos povos!

JORGE V era ainda Duque de York, em 1888, quando autografou êste retrato para o reverendo Greenway.

A RAINHA ISABEL da Inglaterra pôs a sua dedicatória nêste retrato quando da sua visita ao Canadá.

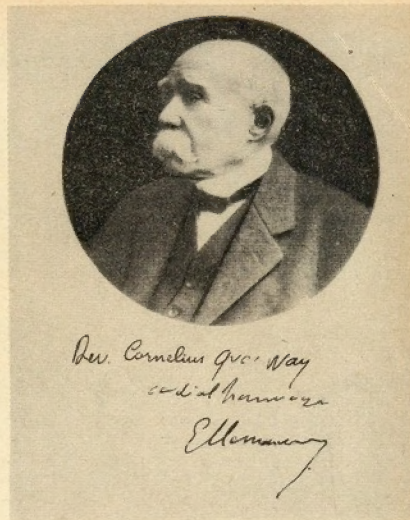
LORD HALIFAX era ainda Lord Irwin, vice-rei da India quando mandou esta foto ao coleccionador.

O MARECHAL VON MACKENSEN enviou ao rev. Greenway êste retrato tirado durante a última guerra.

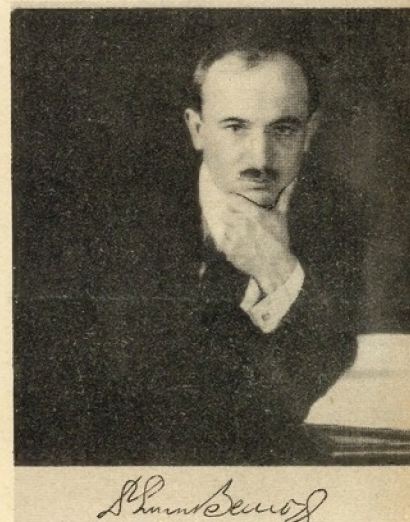
O MARECHAL GOERING, fardado e medalhado, escolheu um retrato com o uniforme de aviador.

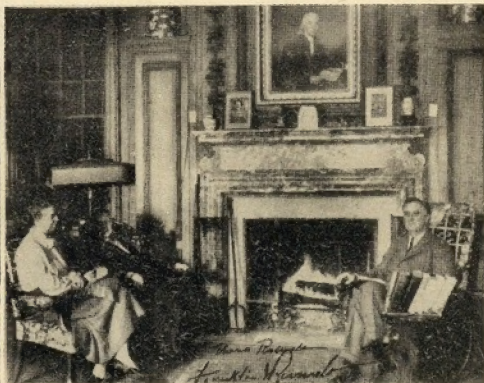
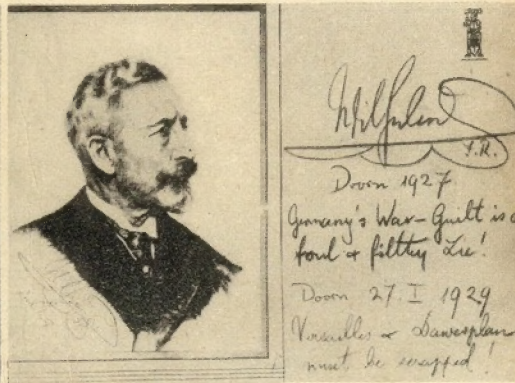
HINDENBURGO era assim há 16 anos. Êste retrato popularizou-se mais tarde em todo o mundo.

O MARECHAL PÉTAIN enviou êste retrato ao coleccionador em 24 de Novembro de 1931, inscrevendo nêle o grito de Verdun: «Coragem, não passarão!».

HAILÉ SELASSIÉ, colocado de novo no trono da Abissínia como Rei dos Reis e Leão de Judá, tirou êste retrato antes do exílio e da invasão italiana.

ESTA FOTO DE CLEMENCEAU é do tempo da assinatura do Tratado de Versalhes. «O Tigre», pouco loquaz, inscreveu nela uma dedicatória amável.

CIANO EM 1937. De notar, a sua preferência pelos retratos de perfil. Era, na altura, como presentemente, ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália.

MUSSOLINI, há dez anos, com o seu uniforme de caçador alpino. Esta foto foi entregue ao coleccionar envolta numa bandeira italiana.

EDUARDO BENES era ministro dos Negócios Estrangeiros da Checoeslováquia quando tirou êste retrato para Greenway mandado num avião militar checo.

A RAINHA GERALDINA, da Albania, ofereceu para a colecção esta foto tirada no dia do seu casamento.

O PRESIDENTE ROOSEVELT E SUA ESPÔSA autografaram êste retrato tirado na intimidade do seu lar de Hyde Park. Foi o próprio reverendo Greenway que recebeu das mãos do Presidente êste curioso documento.

O KAISER só respondeu ao coleccionador depois de muito instado. «Não tenho nem quero retratos de uniforme» escreveu-lhe êle. E juntou ao retrato algumas curiosas palavras escritas em Doorn, no exílio, num dia de raro bom humor...

panorama internacional

Os adversários medem fôrças

por Francisco Velloso

PODERIA comparar-se a última oitava ao lance duma luta em que dois adversários ainda cheios de fôrça, depois de violentos passes, apuram os músculos e os cálculos, para jôgo definitivo. Por tôda a parte surgiram avisos, fizeram-se balanços, medIram-se as condições favoráveis e desfavoráveis.

A CHEGADA DA NEVE

VON RUNSTEDT

As primeiras nevadas na frente leste foram anunciadas há dias. Os críticos militares alemãis e inglêses desenvolvem nitidamente as perspectivas da campanha de inverno, para a qual em tôda a Alemanha o govêrno e suas autoridades mobilizam, depois do apêlo de Hitler, o trabalho de tôda a nação.

Segundo uns e outros, a guerra nessas partes da Europa pode entrar, não obstante naturais oscilações, em estabilização forçada, e, nos últimos oito dias, assim o levou a crer uma reacção russa no centro e norte da frente entre Kiev e Murmansk buscando a tensão de equilíbrio contra o avanço alemão do sul pelos corpos de exercito de Von Runstedt.

Para êste facto convergem tôdas as atenções. O assalto à península da Crimeia já começou, e pelas indicações dos telegramas oficiais que se referem aos portos de Eupatoria e Feodosia, verifica-se que os alemãis o iniciaram por desembarques no litoral. Doutra parte, um outro despacho veio falar-nos de submarinos alemãis no Mar Negro. A 25, o govêrno turco ordenava a suspensão de todos os serviços marítimos «devido ao presente estado de insegurança» dêsse mar.

A corrida para leste da ofensiva alemã teve, como se vê, uma nova escala, e abriu o problema da defesa do Cáucaso e dos seus petróleos. Conseguirão os alemãis aprofundar o seu ataque entre Kiev e as bôcas do Dnieper ao longo do curso dêste grande rio, antes que as invernias firam de relativa impossibilidade o prosseguimento da campanha?

Todo o esfôrço russo visa a obter, no curto prazo do corrente mês, o máximo da resistência. Todo o esfôrço alemão visa, no mesmo prazo, a derrubá-la antes do *coup de Jarnac*.

RUMORES

Wavell andou em roda viva. Esteve com Churchill em Londres; na Pérsia; numa cidade da Ásia Menor; conferenciou em Bagdad com Auchinleck. Falou de Simla, base do quartel general, do grande exército de um milhão de homens que levantou na India.

Esta actividade que há muito não se notava, fêz espalhar a versão de que estaríamos prestes a assistir a poderosas iniciativas inglêsas de carácter ofensivo. De Londres, chegou a falar-se de tal como de coisa certa e para breve, e um telegrama oriundo da América, por via britânica, mas sem confirmação nem desmentido, veio alentar as ansiedades do público mundial por êsses acontecimentos, ao contar que em audaciosíssimo «raid», tropas canadianas haviam podido desembarcar em certo ponto da costa francesa.

WAVELL

Há em tudo isto, visto em seu conjunto, e sejam quais fôrem as seqüências, alguma coisa de novo, que já não pertence ao domínio das interrogações. Colhe-se a impressão de que a guerra se totaliza num só e vasto campo de batalha em hausto de febre; e se era ponto assente que, por exemplo, uma ofensiva na fronteira da Líbia repercutiria com efeitos directos ou indirectos noutras regiões e teatros de operações, é agora evidente que, dentro dêste condicionalismo geral, a política e a acção militar dos beligerantes vai exercer-se em jôgo de frentes correlacionadas.

Wavell, uma vez solucionada, com o exílio do rei Palevi, a crise ocorrida na Pérsia e restaurada a normalidade da vida constitucional, parece ter chamado a si a defesa do corredor por onde, desde o Golfo Pérsico têm de ser levados à Rússia os grandes aprovisionamentos de que carece em material. Auchinleck tomaria conta de uma acção de ataque mais profunda em África. Dêstes últimos encargos dão indício a actividade da esquadra de Cunningham no Mediterrâneo e a da aviação inglêsa bombardeando nos últimos dias de Setembro, com rigor sem precedentes e quási simultâneamente, cidades e centros industriais do norte e sul da Itália.

OS PRÓS E OS CONTRAS

FILOV

Como contravirão a estes empenhos as decisões do alto comando alemão? Eis a outra face do mesmo problema. Pràticamente só no leste europeu e na fronteira do Egipto as suas tropas (e é importante registar que de Londres continuamente se insiste em que, embora desfalcado, o potencial dos exércitos do Reich está longe de apresentar deminuïção sensível) defrontam os exércitos da Inglaterra, da Rússia e seus aliados. E se têm contra si o vigor — que nenhum jornal alemão deixa de lealmente reconhecer — da resistência moscovita, também alinham a seu favor a visível e imperiosa urgência de Londres e Washington acudirem com reforços, sobretudo em «tanks» e aviação, à Rússia, urgência esta que tem de ser vencida a todo o transe pelo labor da indústria de guerra norte-americana, o qual, no entanto, exige tempo, devendo entretanto os aliados sustentar, haja o que houver, as posições adquiridas e procurar aliviar os exércitos russos da pressão formidável da ofensiva alemã a leste, visto que a resistência daquêles se tornou agora o *pivot* de tôda a guerra, o seu centro absorvente.

O ataque pelo Mar Negro tem, como vimos, por bases indispensáveis os portos búlgaros de Varna e Burgas. Mas até aos primeiros dias de Outubro, em que escrevemos, o govêrno de Sofia não se decidiu a entrar francamente na guerra ao lado da Alemanha. Das informações de vária origem conclue-se que, se o presidente Filov, possìvelmente apoiado pelo Estado-Maior, está disposto a ceder diante de Berlim, o rei Boris mede com ponderação as conseqüências eventuais de tal gesto. Não foi à capital do Reich conferenciar com Hitler, ao contrário do que se anunciou. Vê com cuidado a agitação que lavra no país, e é bem de crer que não deseje lançar a corôa para o meio das contendas internas ou que só venha a resolver-se com a quási certeza de que tal não pode suceder-lhe. Talvez para acabar com hesitações, talvez para dar ao rei um motivo cohonestador da sua eventual transigência, a Alemanha a 27, enviava ao govêrro búlgaro um aviso final e terminante (facto que fôra anunciado como ultimato) de que êle tem de optar, entre a anuência completa e a ocupação do país pelas fôrças do Reich, que aliás não custa a fazer porque êles já lá estão há muito, ao que se diz. Acabará Sofia por transigir e obedecer? Assim se julga em Londres, fora de tôdas as ilusões, admitindo-se que, entretanto, não é preciso que o rei Boris faça o desejado gesto, para que dos dois portos da Bulgária se lancem às águas do Mar Negro os submarinos que já por lá apareceram a atacar a esquadra e a marinha russas nalgumas das suas bases.

EM ANKARA

Do lado da Turquia também não se vê que hajam feito melhores passos o dr. Clodius e Von Papen.

Aí a luta de alemãis e inglêses trava-se em terreno económico. Uns e outros pretendem seus tratados de comércio com o govêrno de Ankara, com fins políticos diferentes mas apontando ao mesmo alvo: o alemão tentando obter por trocas de produtos aqueles que mais falta lhe fazem — o cromo, segundo consta — para a sua indústria de guerra; o inglês fornecendo à Turquia as matérias primas de que ela precisa e que o alemão não pode vender-lhe. Sara Joglu está no meio, de mãos abertas, a quem mais dá.

VON PAPEN

A Inglaterra que continua a ser a fornecedora de material militar à sua aliada, beneficia agora junto da Turquia das vantagens das campanhas da Síria, do Iraque e da Pérsia, de haver assegurado as comunicações com os portos turcos da Ásia Menor, e do domínio reconquistado no Egeu sôbre os italianos, terminadas essas campanhas. Um telegrama publicado no dia 1 de Outubro informava de ter sido assinado o tratado de comércio anglo turco, o que representa dianteira digna de nota sôbre os emissários alemãis que, ao que parece, chamaram em seu refôrço, o embaixador do seu país.

Por detrás dêste debate, há quem veja fuzilar já a ameaça de guerra. A passagem nos Estreitos, se o caso búlgaro não se soluciona a bem, para irrupção da campanha alemã no Mar Negro, assumiria realmente uma importância enorme para Hitler.

Mas não basta desdobrar esta hipótese. Mesmo com o apoio búlgaro, nova deflagração da guerra nos Balcãs contra a Turquia não daria senão motivo a criar um centro de desgaste de fôrças em regiões perturbadas onde campeiam guerrilheiros e sabotadores que já deram sobejas provas. Berlim não deixará com certeza de considerar o reverso da medalha.

CHURCHILL AVISA

CHURCHILL

Êste balanço de factos e de fôrças em presença foi o *leit-motif* de novo discurso de Churchill aos Comuns no dia 30 de Setembro. O primeiro ministro inglês não veio ali por vontade. Diversos e amiudados passos da sua oração o significam, ao aludir à inconveniência de declarações explícitas sôbre a marcha actual e futura da política de guerra britânica, pelo risco de fornecer avisos úteis ao adversários, e ate alegou o silêncio de Hitler há longos meses para melhor convencer os objectantes. Havia, porém, manifesta necessidade de obtemperar a uma espécie de impaciência pública em torno dos auxílios à Rússia. O orgão oficial do partido trabalhista chegara a preconisar que o parlamento devia funcionar mais freqüentemente, e a imprensa de todos os matizes marcava tal trepidação em seus comentários acêrca daquele auxílio, que Churchill não deixou de

(Continua na pág. 12)

A FESTA DAS COLHEITAS em Santa Marta de PORTUSELO

EM SANTA MARTA DE PORTUSELO, no concelho de Viana do Castelo, celebrou-se, com grande brilhantismo, a tradicional «Festa das Colheitas», que teve um extraordinário interêsse regional. À esquerda, em cima, raparigas vestidas com trajos modernos de vianesa; em baixo, os srs. governador civil de Viana e presidente da Câmara, ao chegarem àquela freguesia, onde foram assistir aos festejos. À direita, em cima, grupo de raparigas vestidas com os antigos trajos à moda do Minho; em baixo, um aspecto do imponente cortejo regional.

Vida PORTUGUESA

A BORDO DO «SAGRES» E DO «AFONSO DE ALBUQUERQUE», partiram, em viagem de instrução, os novos oficiais da Armada e os alunos do último ano da Escola Naval. Depois de celebrada missa no Mosteiro dos Jerónimos, efectuou-se o embarque, tendo então proferido um notável discurso o sr. ministro da Marinha. A foto, em cima, mostra-nos um instantâneo da entrada a bordo dos novos oficiais.

O BISPO DE NAMPULA SEGUIU PARA A SUA DIOCESE, a bordo do «Mousinho». A foto, à direita, mostra-nos aquêle prelado, momentos antes da partida, com os srs. bispos de Linura e Gursa, o monsenhor Prefeito Apostólico da Guiné, o provincial dos Franciscanos e outros sacerdotes. Para as missões do Espírito Santo e para as dioceses da Beira e Lourenço Marques, partiram também numerosos padres.

O AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL foi encarregado da distribuição e recolha dos documentos necessários para os automobilistas obterem a gasolina que lhes é concedida pelo novo racionamento. As suas instalações em Lisboa e na Secção Regional do Norte têm registado grande concorrência. A foto, à esquerda, mostra-nos um aspecto da movimentada azáfama duma das últimas tardes na sede do A. C. P.

(Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

O SR. MINISTRO DA ALEMANHA em Lisboa ofereceu, na Legação daquêle país, uma recepção em honra dos oficiais do exército português que, a convite do govêrno alemão, vão visitar algumas das instalações militares do Reich e o campo de batalha da frente oriental. A foto que publicamos em cima mostra-nos o sr. ministro da Alemanha com o chefe da missão militar portuguesa, o tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais e um dos adidos à Legação.

OS OFICIAIS PORTUGUESES que foram recebidos na Legação da Alemanha.

OS SOBREVIVENTES DA BATALHA DO CUAMATO prestando homenagem aos Mortos da Grande Guerra, em frente do monumento da Avenida da Liberdade.

O EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA SUIÇA, Edmond Schulthess, encontra-se há dias em Lisboa, onde veio de visita a sua filha, madame Schulthess de Quevedo, nora do ilustre diplomata sr. dr. Vasco de Quevedo. Foi, durante 23 anos, ministro da Economia daquêle país — pasta que abrange os departamentos do comércio interno e externo, agricultura, trabalho e seguros. Quando, após essas funções, foi escolhido para Presidente da Confederação Helvética, era o cidadão n.° 1 do seu país, pois reüniu, à sua volta, a unanimidade da Nação. Ligado a Portugal por laços de família e de amizade, a sua casa na Suiça está sempre aberta a todos os portugueses. (Foto Deniz Salgado).

PANORAMA INTERNACIONAL

OS ADVERSARIOS MEDEM FORÇAS

Por FRANCISCO VELLOSO

(Continuação da pág. oito)

sublinhar com relativa ironia que não está disposto a entrar nos debates que tanto ocupam os jornais do seu país.

Limitou-se, portanto, a acentuar o valor das ajudas dadas à Rússia, valor que ressalta maior ao considerar-se: — que a Inglaterra se priva e tem por isso mesmo de suprir, de parte avultada de encomendas feitas nos Estados Unidos; — que o problema lembra aqueloutro de 1939, quando a Inglaterra não pôde mandar para França o resto da sua aviação de caça por lhe fazer falta para sua própria defesa; — que a estas questões, já de si ponderáveis, há a acrescentar as dos transportes e da organização das recepções.

E Churchill repetiu, por outra forma, os apêlos de Beaverbroock e de Maisky à fabricação de «tanks» em escala indefenida, pondo, como de costume, a opinião popular, diante da realidade crua dos seus deveres. Em contrapartida, deu-lhe as animadoras revelações de que no último trimestre as perdas sofridas no Atlântico foram um têrço das contadas no trimestre precedente, apesar de haver recrescido de intensidade a campanha alemã no mar; de que a Inglaterra, do ocidente ao oriente, não se encontra hoje sòzinha, mas rodeada de aliados; de que o exército inglês, não obstante menos numeroso que os do continente, é hoje poderosa fôrça comparável à do russo e alemão; e, finalmente, de que mandará bombardear Roma, se tanto fôr preciso.

E deixou cair duas prespectivas sôbre o futuro da guerra.

Primeira, quanto aos projectos alemãis:

«Não sabemos ainda se Hitler lançará todo o seu grande exército para o sul, em direcção ao vale do Nilo ou se procurará penetrar pela Espanha no noroeste de África, ou, se, utilizando os grandes caminhos de ferro continentais da Europa e a imensa cadeia de aeródromos, dirigirá a sua fôrça para oeste, reünindo um grande exército com todo o material especialmente construído, para tentar a invasão das ilhas britânicas.»

Segunda, quanto ao Oriente: «Permita-me mais uma vez a Câmara não lhe poder dar esperanças lisonjeiras e muito menos garantias de que o futuro seja brilhante e fácil. Ao contrário, o próximo inverno não oferece garantias, como o embaixador russo tão simples e inteligentemente acentuou, de que se atenue a pressão alemã contra a Rússia. O inverno também não garante que tenha desaparecido completamente destas ilhas o perigo de invasão. Os nevoeiros do inverno têm perigos próprios e, ao contrário do ano passado, o inimigo teve muito tempo para fazer preparativos técnicos. Deve esperar-se, sem dúvida, que, na primavera, suceda entretanto o que suceder, se dê no Oriente violenta luta, a mais violenta até agora experimentada nesta guerra e também que a ameaça de invasão a esta ilha se apresente de forma grave e aguda.»

HITLER EXPLICA

A poucos dias de demora sôbre as declarações de Churchill, sobreveio um discurso de Hitler, proferido no dia 3, no Palácio dos Desportos, de Berlim, por motivo da inauguração da campanha de 1941-42, da Obra de Socôrro de Inverno. O *Führer* acorreu da frente de leste com dificuldade, pois ali foram começadas grandes operações destinadas «a contribuir para esmagar o inimigo». Com esta referência a novo e formidável esfôrço alemão para no sul obter o efeito de uma indispensável derrota estratégica do exército russo, ao cabo de três meses de árdua campanha, o chefe supremo do Terceiro Reich deu a primeira notícia actualizada dos seus intentos.

Como o seu antagonista inglês, Hitler conquanto asseverasse que não veio responder «aos homens de Estado que últimamene se mostraram admirados com o seu longo silêncio», relembrou que «há momentos em que é impossível falar a fim de não pôr em perigo a nação inteira».

HITLER

Na série de declarações hitlerianas, há duas partes assás diferenciadas: uma que directamente fundamenta o apêlo a que seja apoiada por todos os alemães a obra da resistência ao inverno; outra que indirecta mas não menos certamente, explica aos compatriotas o rigor e sobretudo o imprevisto prolongamento da campanha da Rússia. Deve, a nosso ver, estar na segunda, mais que na primeira, a razão da súbita fala do *Führer*, porque ninguém pode duvidar que o seu apêlo será correspondido.

No meio das deduções do Chefe da Alemanha topamos estes passos: «A invasão da Rússia foi a mais dura decisão de tôda a minha vida». E Hitler revelou porquê. «Porque um tal passo entreabriu uma porta por detrás da qual só havia mistério». É que não se enganou quanto à elaboração dos planos da invasão, quanto «à bravura histórica do soldado alemão, quanto à qualidade e funcionamento da organização da frente e dos gigantescos espaços das rectaguardas». Mas—disse—«enganámo-nos numa coisa: Nada sabíamos àcêrca dos preparativos gigantescos dêsse inimigo da Alemanha e não sabíamos que o perigo era tão grande e que evitámos o aniquilamento, no último momento, não só da Alemanha mas também da Europa.»

Eis o *clou* da oração do *Führer*. Para êle convergiram os introitos. Dêle resultam, bem doseadas, as deduções de que todos os sacrifícios são necessários. E bom orador como é, Adolfo Hitler lança de novo a ideia da cruzada anti-comunista para defender a Europa de Gengis-Kahn, e aduzindo números, clama que as penas da nação devem corresponder às dos soldados na frente.

As intervenções oratórias de Churchill e de Hitler, ambas em momentos de agudeza, ficam a par, cada uma em seu prato da balança da guerra. O fiel é a continuação da resistência russa para o primeiro, e o esmagamento dela para o segundo. E se o apêlo de Churchill à produção é vivíssimo, quási uma *razão de ser*, o de Hitler traduz bem a necessidade de levar ao espírito dos alemães outra razão: a de que a campanha é mais dura do que êle esperava — e reclama energia e paciência por causa do mistério que estava detrás da porta.

«MARK» era um cão que pertencia ao exército francês e que foi oferecido a um regimento inglês. Actualmente, está a ser utilizado para transporte de munições. (Foto «Britanova»)

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

TODOS sabem hoje o que é um «chauffeur»: é um homem que conduz automóveis. O que talvez nem todos saibam é que, durante largo tempo, se aplicou tal designação a certos malfeitores que infestavam o sul da França. Vestiam trajos verdadeiramente fantásticos, enfarruscavam a cara com pó de carvão e cobriam os olhos com uma máscara. Dedicavam-se a assaltar as granjas tranqüilas e as povoações solitárias, exigindo aos moradores dinheiro e bens. Ai daqueles que não entregassem o seu oiro! O menos que lhes acontecia era queimarem-nos lentamente numa grande fogueira: daqui chamarem-se «chauffeurs» a êsses salteadores.

Tudo muda com o tempo — até a significação das palavras — e, às vezes, para melhor. Havemos de concordar que os «chauffeurs», hoje, nos matam com muito mais velocidade — e muito maior gentileza.

LINO FERREIRA

LINO Ferreira — com que saüdades os seus amigos o recordam! — entrou uma vez no *Campeão* para comprar um décimo da lotaria. De repente passa na rua um amigo que o vê dentro da loja e o chama:

— Adeus, Lino Ferreira...

— Espera, que eu também vou. Precisava falar-te...

E saiu. O empregado vendo-o sair, esquecido distraìdamente de pagar o jôgo, lembrou-lhe:

— Então o décimo?

Imediatamente Lino, numa gargalhada:

— O décimo... é não cubiçar as coisas alheias!

AS BARBAS

CERTO petiz vendo, um dia, Simões Raposo, com as suas imensas barbas, descer a Rua da Misericórdia, exclamou para a mãe:

— Quando fôr grande também hei-de usar barbas, mamã.

— Para quê, meu filho.

— Para não cortar o cabêlo!

A VELHA HOSPEDARIA

SÃO inúmeras as anedoctas que se contam de Junqueiro. Esta tem talvez um mais vivo interêsse porque era êle próprio que a contava.

Um dia, quando jornadeava por terras de Salamanca, aconteceu-lhe pernoitar numa hospedaria onde havia uma taboleta com o seguinte letreiro: «Aqui fala-se inglês, português, francês, alemão e italiano». Junqueiro entrou e começou a falar português. O dono da hospedaria, porém, mal o entendia.

— Essa agora! — diz o poeta — Mas então quem é que fala as línguas que estão anunciadas na taboleta?

Imediatamente o espanhol:

— São os hóspedes.

ESTREIAS PARLAMENTARES

QUANDO o conselheiro Frederico Laranjo fêz a sua estreia parlamentar sucedeu um caso inédito na Câmara: tanto gesticulou, tanto bateu na carteira que entornou um copo de água que tinha mandado vir para refrescar a garganta, ficando encharcado até aos ossos. Comentário dum deputado da oposição:

— Lá fêz V. Ex.ª uma laranjada!

SANGRAMÔR

Num jardim de folhagens decadentes,
Por outoniça e preguiçosa senda,
Eugénio, doce tipo de legenda,
Avança em leves passos transparentes.

Ei-lo que, alçando as mãos evanescentes,
Colhe num fino gesto d'oferenda,
Uma nêspera, que exibe numa fenda,
Dois caroços vis, inconscientes.

Fugindo então do mundo vil, prosaico,
Em bizantina cripta iluminada,
Cuido ver no ar oxigénio,

Uma figura eterna de mosaico . . .
E na minha visão alucinada
Grito, de longe : — «Ó Génio, Ó Génio !»

CLEMENCEAU

UMA das vezes em que Clemenceau era Chefe do Govêrno sucedeu um caso curioso. Certa tarde em que se encontrava no seu gabinete conversando com um senador, o contínuo entrou com um cartão de visita. Clemenceau leu e preguntou ao senador:

— Traz dinheiro consigo?

O outro, admirado da pregunta, ia a meter a mão no bôlso, quando Clemenceau lhe explicou:

— É que vem aí o Ministro das Finanças da Rússia!

JOSÉ BENTO

O conhecido cavaleiro tauromáquico teve um criado, pessoa de nenhuma cultura, mas de imprevistas saídas de espírito. Um dia, José Bento entrou numa das cavalariças:

— Ó Manuel!

— Patrão.

— Esta palha não presta.

— Mas os cavalos gostam dela, patrão.

— E isso que tem?

— Tem que o patrão não percebe mais de palha que os cavalos...

AFONSO XIII

QUANDO Afonso XIII era criança tinha o mau hábito de, às refeições, meter a faca na bôca. Uma vez a aia repreendeu-o:

— As pessoas bem educadas nunca fazem isso.

— Mas eu sou rei!

— Os reis ainda menos — retorquiu a aia.

— Ah! sim? Pois então eu sou o primeiro rei que mete a faca na bôca...

PEDRO BANDEIRA

TALVEZ nem todos saibam que Pedro Bandeira, conhecido homem de teatro, é um minucioso coleccionador de tudo quanto diz respeito a Junqueiro. Ao domingo fica em casa a colar os recortes que arranjou durante a semana. Então, logo de manhã, grita a uma das suas filhas:

— Essas «pápas» para o Junqueiro?

Claro: as «pápas» são para colar os recortes.

PROVÉRBIO HOLANDÊS

CADA um só goza a paz que o seu vizinho quer — diz-se na Holanda há dois séculos.

Ainda afirmam que ninguém é profeta na sua terra!

A CATÁSTROFE

ANDRÉ Brun chefiava a redacção de *A Capital*. Um dia, aparece-lhe um amigo pedindo-lhe a publicação na notícia dum casamento.

— Querias hoje?

— Queria.

— Hoje não é possível — exclamou Brun. — Temos de publicar a notícia duma catástrofe mais importante...

O ACTOR TELMO

TELMO Larcher — o conhecido actor do *Gimnásio* — fazia a côrte a certa senhora. Uma ocasião, ao dirigir-lhe alguns galanteios, a senhora deu um espirro, salpicando-o. Desculpou-se a dama. Logo êle, num sorriso:

— Se um pescador se molha todo para apanhar um simples peixe, não é demais que eu me molhe um pouco para apanhar tão bela truta!

ASSIM SE ESCREVE A HISTÓRIA !

QUANDO no último ano Salazar recompôs o seu ministério, os jornais estrangeiros referiram-se ao facto. Eis a seguir a lista dos ministros tal como a apresentou o quotidiano francês *La France au Travail*. Esta lista já foi publicada pelo menos num dos nossos diários, mas não deixa de ser curioso recordá-la para exemplo de — como se escreve a História.

Presidente do Conselho, Guerra e Negócios Estrangeiros: Olivaria Salazar.
Justiça: Basserre.
Finanças: Londras.
Marinha: Comandante Devencourt.
Obras Públicas: Guad Paché.
Colónias: Lapata.
Educação: Mário Figuera.
Economia: Raphael Douce.
Subsecretários de Estado: Finanças, Loustrenaci; Corporações, Negrero; Guerra, Cosse; Educação, Manuelos; Agricultura, André Nouarco; Indústria, Pelenir.

Luiz d'Oliveira Guimarães

O INSTITUTO BRITÂNICO inaugurou na Soc. Nac. de Belas Artes uma exposição de fotografias de arquitectura escolar inglêsa. Presidiu à cerimónia o ministro Balfour, representante da Embaixada, que se vê na foto, em cima.

OS SRS. HAIGH, MARCUS CHEKE E SHILLAN, respectivamente adidos da Embaixada britânica e sub-director do Instituto Britânico, no acto inaugural da exposição em que se apresenta uma centena de fotografias de edifícios escolares e universitários inglêses. O certame tem sido muito visitado.

OS EMPREGADOS DE QUÁSI TODOS OS ESTABELECIMENTOS DE LOTARIAS de Lisboa reüniram-se há dias num banquete de confraternização

Figuras da Vida MUNDIAL

ISMET INONU, o Presidente da República da Turquia, é, neste momento, uma das figuras mais em evidência no confuso panorama internacional. Hábil governante, digno sucessor de Kemal Ataturk, reformador e impulsionador duma Turquia nova, forte e vigilante entre a Europa e a Ásia, Ismet Inonu, tem conseguido, com a colaboração do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Sarad Joglu, manter uma sábia política de equilíbrio. Hoje, porém, o papel da Turquia na evolução da guerra é importante. Que irá fazer Inonu? — (Caricatura de Cândido Costa Pinto)

A LEGAÇÃO DA FRANÇA EM LISBOA está instalada no antigo e sumptuoso palácio do Marquês de Abrantes, onde tudo nos evoca ainda a época faustosa de D. Sebastião, com as grutas, os mármores, os nichos, os primitivos azulejos que guarnecem fontes, os bancos e as varandas de onde se avista o Tejo em todo o seu esplendor. Entre as magníficas salas, sobressai a que nos mostra a foto em cima. É o salão de recepções contíguo à sala de música e baile. Tem uma riquíssima mobília Império que foi do Palácio de Fontainebleau. Numa das paredes vê-se o maravilhoso Gaublin «A tomada de Dunquerque».

O GABINETE DE TRABALHO DO SR. MINISTRO DA FRANÇA guarda muitas das recordações trazidas por aquêle diplomata do Oriente — tapetes japoneses de rara beleza, um friso lindíssimo de gravura japonesa e um «bouvet» de maravilhoso colorido. No gabinete de recepções, as janelas abertas sôbre o jardim projectam jorros de luz no curioso quadro de Monmerqué «O banho de Psyché». Quadros de autores célebres estão também na sala de jantar, como o de Priest, que representa o plano da igreja de S. Luiz da França, e o Gaubin que representa «O festim de Ester». (Reportagem Serra Ribeiro).

a legação da FRANÇA num palácio de Lisboa

FOI aqui, nos jardins do Palácio que, segundo a tradição, passou D. Sebastião seus últimos momentos em Portugal, antes de Alcacer-Kibir. Está ainda guardado religiosamente o banco onde êle esteve sentado pela última vez. O sr. ministro François Gentil (de quem publicamos, em cima, uma foto especialmente feita para «Vida Mundial Ilustrada»), grande amigo de Portugal e do seu povo, não só tem respeitado, como tem introduzido melhoramentos nessas recordações dum passado que honra a Pátria e os portugueses. Nesta página, vêem-se aspectos dos jardins, da sala de música e da capela. Nesta, é de notar a obra em talha doirada, os azulejos primitivos do vestíbulo interior e os belos motivos decorativos.

O homem que nunca foi a Tomar

novela de Ruy Fôlha

1

ERA um homem alto, de cabelos brancos, um pequeno bigode arrogante e arrebitado que desmentia a luz magoada do olhar. A voz era grave. Repetia os números automàticamente, num ar de indiferença donde escorria aniquilamento e tédio. O tédio daqueles dias iguais, das 11 às 4, ao mesmo balcão, no mesmo cenário.

As notas contava-as com rapidez e precisão, as moedas batia-as com fôrça. Elas saltavam e tiniam. E êle ia repetindo os números: mil trezentos e vinte e sete escudos e sessenta e cinco centavos. Como às vezes não tinha meio tostão dava um sêlo.

Feito o pagamento, olhava para a sala, sem a ver, e elevava a voz: 94!...

94 era eu. Êle mal olhou para mim.

— Quanto?!...

Voltou-se e contou o dinheiro.

— Seiscentos e trinta e oito e vinte e cinco... Tem meio-tostão?...

Procurei nas algibeiras. Não tinha. E recusei o sêlo.

Êle sorriu:

— A casa fica-lhe a dever...

Enquanto guardava o dinheiro, respondi:

— Não tem importância... Ou antes: transfira a dívida para Tomar...

O homem alto teve um olhar mais vivo:

— O senhor disse Tomar?...

— Disse... Porquê?!...

— É de lá?!... Desculpe a pergunta...

— Ora essa, de nada... Não, não sou de Tomar... Mas estou lá a trabalhar...

— Vive então em Tomar...

— Há nove anos...

— É uma cidade muito pitoresca, não é verdade?...

— Muito... (A conversa já me aborrecia). O senhor conhece?!...

— Não, não... Tenho só passado de combóio... Nunca fui à cidade... Não, nunca fui a Tomar...

Disse isto com amargura, os olhos baixos. Nervosamente, mordiscou o bigode. Como eu o fitasse, com estranheza e curiosidade, ràpidamente voltou a si. Retomando o ar automático e preciso, disse para o fundo da sala: 95!...

— Pronto... E já não é sem tempo, disseram ao meu lado.

Era uma velhota de aspecto furioso que me empurrou. Ouvi-a murmurar: «Sempre esta pouca vergonha... fazer pouco dos pobres...»

Cumprimentei e saí. Na escada ainda aquela voz me seguia: Não, nunca fui a Tomar... E mais alto, com um timbre de realidade: 96!...

2

Como mais nada tinha que fazer em Lisboa e o meu combóio só era no dia seguinte, vim até ao Rossio. Passeei na Baixa, lembrando os meus dias já antigos. No entanto, o andar mole e gaguejado da multidão enervou-me. Comprei um jornal e dispus-me a lê-lo em qualquer café. E a porta giratória do primeiro que encontrei lançou-me numa atmosfera pesada, barulhenta e amável.

Procurei mesa, rondando lentamente nas coxias apertadas. Alguém me chamou:

— Olha quem êle é!... Queres mesa?!... Senta-te aqui, eu saio já...

Era o Macedo, meu antigo colega de liceu, alegre e ruidoso, um riso babado de quem se diverte na vida.

Sentei-me. À sua mesa estava um homem de cabelos brancos — o mesmo que me tinha pago havia duas rápidas horas. Era tio do meu colega. Conheceu-me logo.

— Muito prazer... Quem me havia de dizer que o senhor era amigo do meu sobrinho!... O mundo é pequeno e nós fazemos parte do mundo...

Achei a frase bonita, simpatisei com o homem.

O Macedo batia já na mesa. Era tarde e tinha pressa.

— Desculpa-me, tenho imenso que fazer... Outro dia nos encontraremos, hein?!... Mas tu estás bom!...

Pagou e estava de pé.

— O tio vem?!...

O homem alto voltou-se para mim:

Não sei porque lhe falo nisto... Mas já que comecei, quero ir até ao fim...

— Se êste senhor me dá licença, fico ainda um bocado...

— Ora essa — disse eu — com todo o gôsto...

O Macedo saíu, rápido e alegre.

Ficámos, então, os dois sòzinhos. Eu não sabia o que dizer. Olhei de lado o jornal. Parecia-me, no entanto, incorrecto ler as notícias. Aquele homem de cabelos brancos não me fitava. Tinha os olhos pregados em frente. Silenciosamente, tirei um cigarro do maço amarrotado. Risquei um fósforo e o ruído parece que o fêz despertar. Regressou ao mundo...

Começou a falar. Ao princípio, lenta e custosamente. Dava a impressão de que procurava as frases. Depois, as palavras tomaram rumo e volume.

— Talvez lhe pareça... intruso... ou melhor... intrometido...

Como eu esboçasse um gesto, êle sorriu:

— É escusado negar... É verdade... O caso é que sinto necessidade — uma necessidade imperiosa, urgente — de lhe falar... Ainda há pouco, duas ou três horas, se tanto, tivemos uma curta troca de palavras... Uma conversa insignificante, vulgar, de que talvez o senhor já se esqueceu... Disse-lhe, a certa altura, que nunca tinha ido a Tomar... E é verdade... A frase é banal, não tem importância de maior...

Calou-se. O homem pareceu-me doido. Continuou, com amargura, baixando a voz:

— No entanto, para mim, é mais do que uma frase... é a história, por assim dizer, do meu próprio destino... Destino que eu estùpidamente perdi...

Olhou em roda, bebeu o último café da chávena. Falava, agora, ainda mais baixo:

— Não sei porque lhe falo nisto... Mas já que comecei quero ir até ao fim... A ninguém mais falei nisto... A ninguém... Porquê?!... Talvez por verganha... E porque o escolheria eu a si, quási um desconhecido?!... Não sei... Mas lembra-se daquele conto do Eça — não me recordo o nome — em que a certa altura se afirma, pouco mais ou menos — que «o que não se diz a um íntimo muita vez se diz a um estranho numa estalagem»?!... Lembra-se?...

— Muito bem... «Singularidades duma rapariga loira»...

— Duma rapariga loira... Pois isso que o Eça nos garante, pela bôca dum seu personagem, é verdade, estranhamente verdade... Sucede neste momento comigo... Os tempos são outros... Agora conversamos num café... Mas a frase é verdadeira... Desculpe tomar-lhe tempo...

— De modo algum, respondi. Estou mais tenho a fazer em Lisboa, estou num hotel, janto tarde, não tenho que me encontrar com pessoa alguma...

— Pois tenha paciência... Lembro-me perfeitamente do princípio do conto: «começou por me dizer que o seu caso era simples e que se chamava Macário»... Sim, o meu caso também é simples, estùpidamente simples... O que não me chamo é Macário, o meu nome é João...

3

Por êsse tempo apareceu em Lisboa uma valsa célebre que em tôdas as salas se dançava, tôdas as orquestras tocavam. Tinha um nome sugestivo e era dum maestro vienense de nome musical: Strauss.

E as românticas raparigas do princípio do século imaginavam-no um rapaz alto, delgado e nervoso, de negro cabelo ondulado, olhar meigo e bigodaça languida.

João Macedo tinha uma bonita figura e dançava bem. Vago estudante do Curso Superior do Comércio, atirava ao sabre e não ouvia as lamentações dum pai velho e pobre. Dum dia para o outro, encontrou-se responsável pela casa, a mãe doente e inerte, um irmão mais novo no liceu.

Atirou para trás das costas a aspiração dum curso, reüniu coragem e cartas de recomendação e empregou-se. Teve, então, uma vida estúpida e monótona. O quotidiano tomou-lhe as fôrças e venceu-o. João deixou o sabre e as valsas. Sentiu um pêso nos ombros: o pêso da vida. E adquiriu, pouco a pouco, uma doença inglesa de que já lhe falava António Nobre — **spleen.**

Uma tarde, ao vir para casa, encontrou o Guedes, antigo condiscípulo no Instituto, já formado e à testa duma companhia sólida. O Guedes estranhou-o. João contou-lhe a vida, a dura experiência que ia conquistando, palmo a palmo, dia a dia.

O Guedes animou-o, prometeu-lhe tempos melhores, quis arrastá-lo a uma festa que dali a uma semana dava em sua casa. Uma ideia da mulher e das cunhadas.

— Aparece, homem... Levantas o moral e mudas de ambiente... Aparece, não faltes...

João não faltou. Ao princípio, logo à entrada, quando no corredor iluminado, cheio de gente e de barulho, foi apresentado à mulher do amigo — apeteceu-lhe voltar para trás.

Mas a transbordante e espontânea simpatia do Guedes, da mulher do Guedes, das cunhadas do Guedes, prendeu-lhe as pernas. Ficou. Lentamente, foi até à sala. Dançava-se. Uma orquestra aspergia os compassos curvos duma valsa de Strauss. Os pés antigos voltaram-lhe, um ar renovado encheu-lhe o peito. E foi, alegre e confiantemente, buscar uma rapariga de branco, de longas tranças loiras enroladas.

Era Maria Beatriz. Não conhecia Lisboa e tinha uns olhos curiosos e ingénuos para tudo, um riso alegre e são. Conversaram muito.

João sentia nascer outro «João» dentro de si próprio. Um «João» antigo que êle já tinha perdido de vista desde um dia sombrio.

A certa altura, troçaram dêles. Maria Beatriz córava. Uma das cunhadas do Guedes quis ser madrinha daquilo tudo. Levou-os para uma sala em penumbra onde outros pares já estavam — a Ala dos Namorados, como ela risonhamente dizia. Naquela doçura magnífica e fresca, de suave claridade, Maria Beatriz pareceu-lhe mais linda e mais loiras as suas tranças. Começaram por descobrir afinidades, gostos semelhantes, opiniões concordes. Estavam, ambos, com a melhor boa vontade em que sucedesse tudo.

Aquela intimidade parecia já antiga. Na ceia ficaram juntos a um canto, ela, à frente, sentada, êle, de pé, reverente e terno. As senhoras de idade cochichavam. Êles não voltaram mais para a sala de baile.

À despedida, atrevidamente, João beijou-lhe a palma macia da mão esquerda — do lado do coração...

E nessa mesma madrugada, começou escrevendo na sua bela letra uma grande e inspirada carta, onde a palavra Amor tinha maiúscula e era sublinhada. Não se deitou e apareceu no escritório a cair de sono e paixão. Um dito infeliz dum colega — «se calhar, V. ontem andou às gatas...» — encheu-o de fúria. Uma certeza cantava-lhe no peito. Amava Maria Beatriz. E ela?

4

Aquele encontro num baile, as mãos dadas, o roçar levíssimo dos cabelos loiros de Maria Beatriz pela sua testa quando valsavam, as frases entrecortadas, quási murmúrios, a jiga-joga dos olhares deram a João os primeiros fios da sua primeira paixão.

Começou a arquitectar um sonho. Um sonho belo e imenso. Agarrou-se à inspiração que transbordava do seu peito, diluiu-a em tinta azul — e dedicou-se à escrituração amorosa.

Um muro, porém, se tinha levantado na sua frente. Um muro de altas e espessas paredes.

Onde morava Beatriz?... Sabia — porque ela lho tinha dito — que não era em Lisboa, mas onde?!... Em que recanto da província vivia a sua castelã?!... Ah! Era preciso derrubar o muro!... A primeira picareta que João usou foi o Guedes. Mas não deu nada. O Guedes era duma ignorância completa acêrca da morada de Maria Beatriz. Mal se lembrava dela — «sim, uma lambisgoiasita sardenta...». — Teve, no entanto, uma sugestão originalíssima — preguntar à mulher ou às cunhadas. Principalmente a Angélica devia saber — como foi ela que os tinha levado para a saleta à meia luz...

Acalmou-o:

— Está descansado... Eu pregunto à Angélica...

João voltou lá no dia seguinte: a cunhada do Guedes era a sua segunda picareta.

Infelizmente o resultado foi o mesmo. Angélica não sabia. Nem mesmo sabia Maria Beatriz. Tinha-lhe sido apresentada naquela noite pela Mimi Mendonça, que tinha levado um grande grupo. Prontificou-se, porém, a ir preguntar à Mimi.

João veio para casa com um desalento horrível na alma. Duma das gavetas da cómoda tirou as cartas que êle tinha escrito a Maria Beatriz. Já iam na dúzia e estavam numeradas.

E a teia ia-se apertando à sua volta. A imagem daquela rapariga loira, o eco molhado da sua voz, a memória subtil do seu perfume — tudo o endoidecia. E continuava, fiel e fecundo, a escrever.

Só uma semana depois soube do resultado da terceira picareta — a Mimi Mendonça. A Mimi também não sabia. No entanto, como Maria Beatriz ainda era parente duma amiga da Néné, talvez a Néné soubesse...

O Guedes já ria com o caso:

— Põe anúncio... Olha que às vezes dá... Pode ser até que apareça mais do que uma... Ainda vais ser feliz... Homem! Não te vás abaixo das pernas!...

Mas de nada serviu o conselho. João foi-se abaixo das pernas. Voltou à melancolia. Falava cada vez menos e tinha para tôdas as raparigas um olhar sardónico. Não entrou no absinto, porque isso lhe parecia demasiado literário. Ficou pelo bagaço.

5

O homem alto de cabelos brancos calou-se. O café estava quási vasio. Eu sentia uma imensa pena por aquêle homem triste.

— E nunca mais soube dela?!...

Êle sorriu:

— Ainda a história vai no princípio...

Senti fugir-me o sangue da cara. Não jantava, com tôda a certeza.

Continuou:

— Ora, uma vez, já lá iam meses depois do meu conhecimento com Maria Beatriz, fui chamado ao gerente... A casa queria abrir mais uma sucursal — em Tomar... E eu estava indicado para ir dirigir essa sucursal... A surprêsa tolheu-me. Pedi um dia para responder e, nessa noite, mal dormi. Noutra qualquer altura não hesitaria: aceitava. Nesse momento, porém, acima da minha carreira, do meu futuro, enfim, acima de mim próprio — eu pus Maria Beatriz. Pensei que ela algum vez voltasse a Lisboa, pensei que a Néné, ou a Mimi, ou a Angélica, ou o Guedes, me pudessem saber onde ela morava. E se eu fôsse para Tomar, como poderia, depois, construir a minha vida ao lado de Maria Beatriz?!... Parecia-me isso impossível se deixasse Lisboa. E no dia seguinte falei ao gerente: não ia...

— E não foi, de facto, para Tomar...

— Não fui... A casa mandou então o Almeida... Até que um dia — ora veja o senhor como as coisas são... — um dia, o Almeida mandou-me uma fotografia de Tomar: êle, uns rapazes amigos e umas senhoras num «pic-nic» que tinham feito... Um alegre grupo. Nas costas da fotografia, os nomes daquela gente tôda. Passei uns olhos distraídos por aquilo. Que, na verdade, não me importava mesmo nada com os «pic-nics» do Almeida... Mas, um certo rosto, uma certa figura, saltaram-me aos olhos...

— Maria Beatriz?!...

Êle acenou afirmativamente:

— Maria Beatriz, sim... Voltei a fotografia, procurei um nome, isto é, o seu nome... A letra torta tinha um aspecto de garras quando escrevia: «a senhora em cabelo chama-se Maria Beatriz e é recem-casada com o Santos, o de chapéu de côco e nariz grande»...

— Coisa aborrecida, na verdade...

— Aquilo custou-me, acredite... Depois, o tempo cicatrizou o golpe... A vida foi andando, eu envelheci. E nunca fui a Tomar... Perdi o destino, assim, estùpidamente...

— Nunca mais soube dela?! — repeti.

— Não, nunca mais... Nem sei se é viva se morta, se tem filhos ou não... O senhor conhece-a?!... O marido julgo que tem uma loja qualquer, disse-me o Almeida... Chama-se Santos, talvez o senhor...

Pensei e pesei a resposta:

— Não, não conheço... Compreende: fora do meu meio dou-me com pouca gente... Estou lá há pouco tempo... Não conheço, de facto...

6

A verdade é que eu tinha mentido. Conheço perfeitamente Maria Beatriz. É uma senhora oxigenada e menineira. Contam-se até umas coisas... É capaz de ser tudo mentira. Conheço também o marido — gordo e careca, ressona no cinema e faz negócios de agiotagem.

Logo que no dia seguinte vim para Tomar fiz-me encontrado com a D. Maria Beatriz que sempre me favorece com um olhar muito dôce. Falámos de Lisboa e, a certa altura, desfechei:

— Estive em Lisboa com um sujeito que a conhece... Chama-se João Macedo, conheceu-a num baile aqui há muitos anos...

D. Maria Beatriz córou:

— Aqui há muitos anos é uma maneira de dizer...

Sorri:

— Claro que é... Mas lembra-se dêle?!...

O ar de natural procura com que ela repetiu — João Macedo, espere, João Macedo... — foi duma rara e extrema simplicidade:

— Sim, julgo que sim... Era um rapaz que dançava muito bem e dizia coisas tão engraçadas!...

E acrescentou:

— É, no entanto, muito mais velho do que eu...

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

forças aereas "FRANCESAS LIVRES"

O COMANDANTE DUMA ESQUADRILHA AÉREA das «fôrças francesas livres» em operações no Deserto Ocidental africano, ao lado das tropas britânicas, consulta o mapa antes de tomar lugar no avião, explicando aos seus subordinados o trajecto a seguir num reconhecimento sôbre a Líbia.